



Desenho de Marcelo Duarte

O realismo na obra de Balzac

Jorge Aguiar

No panorama da literatura universal, uma das figuras mais expressivas é, sem dúvida, a de Honoré de Balzac. A sua obra adquire, nos dias que passam, uma expressão e uma atualidade realmente extraordinárias. E isto tem a sua compreensiva explicação. É que ela reflete, intensamente, os vícios característicos da época em que viveu o autor. E estes vícios são os mesmos que, em maior escala, caracterizam a sociedade atual. Daí, a importância de Balzac no presente. Nele, a arte, que deve ser concebida como uma das mais importantes formas de manifestação da consciência social, não aparece como um esquema artificial da existência, nem como criação destacada da realidade. Pelo contrário, sente-se, percebe-se, na obra do artista, que o seu véio inesgotável é a vida. Aliás, é ele próprio quem se propõe escrever o drama — ou a comédia — da sociedade em que viveu.

Grandiosa tentativa, que se concretiza em bosquejos esplêndidos, em painéis de impressionante perfeição, nos quais se projetam, com o máximo de realismo, os defeitos inerentes à ordem social burguesa. Há certas passagens, por exemplo, em o “Pai Goriot”, que são como um intenso jorro de luz sobre as nossas próprias consciências, uma descrição viva de fatos, a que assistimos, ou mesmo, de que participamos a cada instante.

Balzac foi artista autêntico. Realista, sobretudo. A sua obra, que contém um impiedoso libelo contra a moral burguesa, é edifício grandioso, cuja cúpula pode chegar até as nuvens, mas que tem, não há dúvida, seus alicerces sólidamente plantados nos fatos reais da vida. Nela, também, se equacionam, numa conexão íntima, o individual e o social. Psicológico profundo, Balzac penetra nos mais íntimos recessos da natureza humana, para desnudá-la com uma felicidade singular, não se esquecendo, porém, de focalizar, com genial agudeza, os efeitos que a organização social exerce sobre a consciência do indivíduo.

Foi escritor que se preocupou, sobretudo, em palmilhar o curso principal da vida, desprezando o que, nela, há de secundário e marginal. Com clareza meridiana, o seu máximo objetivo é desvendar o que de real se ocultava, como ainda se oculta, sob a grandeza aparente da organização burguesa.

A hipocrisia, a venalidade, a corrupção, o rastejar para vencer, o corromper para poder, o parecer e não ser, toda a escória, enfim, dessa sociedade é projetada, por Balzac, nas páginas vivas de seus escritos, com um poder de expressão até hoje insuperado. É assim que, sem elaborar um sistema filosófico, ele revela, de um só jato, o conteúdo verdadeiro dessa moral decadente: “Ser rico é ser virtuoso” e a “riqueza é a última ratio mundi”. Tal é o conclusão que ocorre a Rastignac, um de seus mais admiráveis personagens. Pensamos não

haver exagêro no que diz o autor por intermédio desse personagem e esta é, realmente, a verdade. Pois, não é exato que a riqueza, que o dinheiro, em suma, é o ídolo venerado diante do qual poucas são as consciências que não se curvam, diante de cuja mística poucos são os obstáculos que se não superam?

Rastignac é um símbolo. Sua história é a do moço talentoso, mas pobre, que, depois de sofrer o choque dos preconceitos criados por uma sociedade dissoluta, acaba por compreender mérito, trabalho, virtude não são suficientes para chegar à completa realização de suas ambições. "Ser fiel à virtude, martírio sublime! Ora, adeus! Toda gente crê na virtude; mas, quem é virtuoso? Os povos têm a liberdade por ídolo; mas, onde existe na terra um povo livre?" (Balzac, ou Rastignac, não está falando, com certeza, da liberdade formal, da "nossa liberdade"). "A minha mocidade é ainda azul como um céu sem nuvens; querer ser rico ou grande não é o mesmo que resolver-me a mentir, a vergar, a rastejar, a lisojeiar, a dissimular? Não é o mesmo que prontificar-me a lacção daqueles que mentiram, que vergaram e que rastejaram? Antes de ser cúmplice é forçoso servi-los". Depois, vem a reação. "Não quero! Quero trabalhar nobremente e santamente; quero trabalhar noite e dia, dever a minha fortuna apenas ao meu trabalho. É mais lento; mas poderei deitar-me todas as noites sem um pensamento mau". Mas, a antevisão do prozer, do luxo refinado, da suntuosidade acaba por dissipar as amargas reflexões de Rastignac, jovem e talentoso estudante de Direito. "Assim, por uma espécie de fatalidade, os mínimos acontecimentos da sua vida conspiravam para o lançar numa carreira em que, segundo as observações da terrível esfinge da casa Vaquer, devia, como num campo de batalha, matar para não ser morto, enganar para não ser enganado; em que devia pôr de lado consciência e coração, pôr máscara na cara, ludibriar sem piedade os homens, e, como na Lacedemônia, apossar-se da riqueza às escondidas, para merecer a corôa".

Está, aí, sintetizado o drama de Rastignac. Drama de estudante pobre. "Se fôsse bem pintado na sua luta com Paris, o estudante pobre dava um dos mais dramáticos assuntos da nossa civilização moderna", diz Balzac. Em Paris ou em qualquer outra parte, na época em que viveu este genial escritor, como na atual. Drama real, que é o da submissão aos preconceitos e exigências de uma sociedade corrompida desde a base. Drama da submissão do talento à magia do dinheiro. Drama da arte e da ciência. Drama de Balzac que, no decurso atribulado de sua vida, se viu, numerosas vezes, obrigado a mercadejar seu talento, para satisfazer às necessidades que o assoberbavam. Drama que revela, igualmente, a verdadeira natureza do conceito de liberdade no sistema social burguês.